

Entrevistas



Yvette Kace Centeno

FERNANDO RIBEIRO*

A 1947 – 7:
«São as avós
não as mães
que nos abrem as portas
e nos guiam»

in YKC, Canções do Rio Profundo, Porto, Asa 2001, p. 53

Vive em Lisboa? Estudou em Lisboa? É esta a sua «pátria antiga» como diz o poeta em Poema VII? A Tavira-da-Luz baixando sob as escadas de pedra da casa da Avó era tesouro de infância ou de adolescência ou de sempre?

Pergunto-me: «QUANTAS VIDAS VIVEMOS?»

.....

* Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro de Humanidades e Universidade dos Açores, f.ribeiro@fcsh.unl.pt

Lembrando que a minha vida vai longa, e alongada mais até no tempo do que no espaço, ao fazer 77 anos no momento de dar esta entrevista, tentarei responder, na medida do possível, às perguntas feitas. Pelo menos a algumas.

Nasci em Lisboa, em 1940, em plena guerra, de que a minha mãe (polaca, nascida em Lodz) escapou por ter vindo para Portugal com o meu pai, com quem casou em 1939, a tempo de já não assistir à invasão de Paris, onde vivia com a irmã mais velha, que foi minha madrinha e uma quase segunda mãe. Pois vivi em Paris, com ela, frequentemente, até casar.

Vivi depois em vários outros sítios: Argentina, Buenos Aires, de 1946 até 1950, e de regresso a Portugal repartiu-se o meu tempo de infância e juventude por Tavira (a casa da minha avó), por Lagos (a casa dos meus tios, do irmão mais novo do meu pai), pelo Porto e, finalmente, por Coimbra, onde acabei o Liceu e entrei na Faculdade de Letras, tendo vindo acabar o curso de Germânicas já em Lisboa, também na Faculdade de Letras.

Em 1963-64 teve lá início a “aventura universitária”, que continuaria na Universidade Nova, até me aposentar em 2009.

Num poema, no momento da sua escrita, a “pátria antiga” não é um espaço definido, mas um espaço desejado, como o de *Mignon*, no poema de Goethe, ou o de um Baudelaire, tantas vezes sonhado, antigo porque a sua raiz é simbólica, profunda, do domínio do indizível. Todos temos uma pátria antiga, e por ela ansiamos, sabendo que não se alcança.

A Tavira da casa da minha avó Rosa pertence ao meu passado de criança e de jovem adulta, está recolhida em memórias felizes, de uma casa grande, onde nas tardes de calor imenso eu lia, sem ser incomodada, os primeiros romances de Agustina Bessa-Luís. Quando a avó morreu o meu tio João, herdeiro, vendeu a casa: ele vivia e trabalhava em Lagos, no seu escritório de advogados, onde agora um neto já exerce também a profissão.

Nessa casa de Lagos também passei tempos felizes, com primos e amigos, era o tempo das férias grandes de Verão, muita praia, muito mar, e sempre muita leitura pelo meio. A biblioteca do meu tio, aliás como a do meu pai, tinha de tudo, desde policiais à grande literatura portuguesa e universal (eu preferi as *Aventuras do Capitão Morgan*, na altura, quando tinha onze anos ao Alves Redol...), mas já lia em inglês e francês muita outra coisa.

B 1957 – 17

«O que mais custa é ter a coragem para se ser aquilo que se é. Um enorme desejo de ternura tinha começado a crescer dentro de Vera»
in YKC, *As palavras, que pena*, Lisboa, (1967) 1972, Ática, p. 41

Quais e como os tempos passados em Coimbra: os do findar do liceu, e do ballet, e das explicações de francês, a condição de universitária: prática, porquanto também co-fundadora do CITAC? Inicia-se nesta década na arte literária: poesia e teatro. Era manifestação da vontade da natureza primordial, da natureza lapidada já na Universidade de Coimbra ou de outras?

Acabei o liceu em Coimbra, e antes de entrar para a Faculdade fundámos, com mais três amigos e uma amiga, que o pai proibiria de continuar conosco, o CITAC, que ainda existe, está vivo e continua, com os seus projectos de modernidade e de vanguarda.

O nosso primeiro encenador foi António Pedro, vinha do Porto aos fins-de-semana.

A primeira peça de relevo foi *O DIA SEGUINTE*, de Luís Francisco Rebello. E mais tarde, já com Paulo Quintela, *O MAR*, de MIGUEL TORGA, onde brilhou o poeta Manuel Alegre. Até hoje gosto do palco, não como possível actriz, mas antes como criadora, como participante nas ideias, na elaboração, na produção. *O backstage* é para mim o mais apaixonante. Assiste-se ao nascer das ideias, ao seu desenvolvimento, depuração, ao “acto de criação”. É disso que gosto, e apercebo-me de que é assim em tudo: ver nascer, ver crescer... é o que me motiva, em mim, como nos outros.

Posso dizer que todos os nossos Catedráticos de então apreciavam estas actividades, algo subversivas, no seu entender? Não. Mas outros sim e ficaram amigos para a vida.

C 1967 – 27

«Sou juiz de mim mesma

E não me absolvo»

in YKC, *Irreflexões*, Lisboa, Ática, 1974, p. 72

Termina o curso de Filologia Germânica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e aqui permanece como assistente universitária.

Começa então a desenhar o tema da tese de doutoramento: alquimia-simbologia em que se especializa sem deixar de continuar a escrever Teatro Aberto, Quem se eu gritar (Ática, 1962), Não só quem nos odeia (Portugália, 1962) e As palavras que pena (1967), a traduzir... Brecht...

Eu vivi, nesses tempos de Coimbra, quase mais em França, em Paris, com a minha tia Guénia, do que em Coimbra. De 1953 a 1958, foi frequente. Com a Campanha do General Delgado viemos então viver para Lisboa, e aqui acabei o curso.

A minha mãe, com saudades, levava-me no *Sud-Express* com ela. Fiquei longas temporadas, ora seis meses, ora um ano, ora só o Verão, era conforme. Em Paris respirava-se a liberdade que faltava em Portugal.

Ali foi a minha pátria, ali vi nascer a nova poesia, de Prévert, a nova pintura, as novas canções, os cafés dos artistas, o jazz pelas noites fora – já mais velha. Comecei em Paris muitos dos poemas de OPUS 1, muitos dos romances ou dos *sketches* de Teatro: com Prévert aprendi o riso dos *sketches* de teatro, que continuei por cá, no TEATRO ABERTO; mas só depois da Revolução de Abril foram publicados.

Escrever, sempre escrevi, em cadernos, por todo o lado, um pouco ao calhar. Desde os onze ou doze anos. Folhas que não iam longe, felizmente...

Publicar já era outra aventura: muita escolha, muita depuração, buscando a palavra certa, o ritmo que não ofendesse quando ouvia os sons dentro da cabeça. Horror à cacofonia.

D-E 1987-1997 – 47-57

«Lembro-me dos jardins: pequenos jardins japoneses de interior com as areias as pedras os arbustos e às vezes o fio de água. Inesperados em pleno Montmartre um bairro tão tradicionalmente francês. Mas a França, como o resto da Europa quer adoptar os ritmos do Oriente. Um jardim interior.»
in YKC, No Jardim das Nogueiras, Lisboa, Bertrand, 1982, pp. 89-90

Foi Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian (1968-72), investigou dentro e fora de Portugal sobre Goethe: Alquimia em Faust e esteve na primeira linha dos jovens professores convidados a ingressarem na Universidade Nova de Lisboa – em formação (1973) –, vindo a integrar a Comissão Directiva da Área das

Ciências Sociais e Humanas da UNL e corroborando a marca da interdisciplinaridade no desenho dos Cursos então em proposição. Continuou investigando, e publicando, até ao presente sobre –aquém e além-fronteiras –Fernando Pessoa. Doutoramento (1979), Associação (1980), Agregação (1983) e Cátedra (1986). Reconhecimento em França: Chevalier de L'ordre des Palmes Académiques (1987), sendo igualmente distinguida com a Medalha da Cidade de Bona (1988) aquando da visita de Mário Soares à República Federal da Alemanha, cuja comitiva presidencial integrou; mais tarde em 1994, o Presidente da República Richard von Weizsäcker agraciou-a com a Verdienstkreuz 1. Klasse.

Fui privilegiada, em Lisboa, por ter amigos como um David Mourão-Ferreira, que me levaram à antiga editora Ática e a mim como a outros (era o Herberto Helder) abriram as portas da edição.

Depois fui caminhando, sempre pelo privilégio de ter amigos que estavam atentos à produção dos mais jovens, como na Portugália Editora (José da Cruz Santos e outros), e na verdade nem sempre o que eu escrevia era bem acolhido pelos Papas da crítica de então. Mas na verdade pouco me importava, a minha pulsão era a da escrita, e não a da leitura dos críticos. Houve a certa altura quem escrevesse num jornal: “mas donde lhe vem o K.?” Seria bem simples perguntar-me... o K. é o Kace da minha família polaca, o apelido da minha mãe, que desejei honrar, assinando com uma discreta inicial: Y. K. Centeno, de início, e depois, por insistência dos editores, queriam que se soubesse que eu era mulher, Yvette Kace Centeno ou, outras vezes, Yvette K. Centeno.

Foi-se a primeira intenção de fazer como T. S. Eliot, esconder-me atrás das iniciais... Começou a tirania editorial... que ainda hoje se calhar continua, com outros autores.

F 1997 – 57

«Será preciso combater esta sociedade em que vivemos e que nos mata o Desejo. Uma cultura que tudo relativiza não é compatível com o Desejo, pois o Desejo é um Absoluto no Ser. E na consciência de Ser.»

in YKC, *Amores Secretos*, Porto, Asa, 2006, p. 51

O espaço da arte literária de Y. K. Centeno, porquanto assim assina singelamente, é também o da meditação e por esta via da intervenção no espaço sociocultural de uma nação acordando para a sua grandeza (e pobreza

igualmente) também em momento de dor e guerra. Como viveu a vida intelectual nesta década, na qual teve programas literários e juvenis na RTP, e durante a qual o espaço de edição-publicação era também espaço ganho pelos criadores-editores, para, pela arte, afirmarem a vinda da modernidade?

Não gosto de falar dos meus livros. Escrevi, estão escritos. Interessa-me mais o que possa fazer a seguir: colaborações várias, como fiz, na rádio, na televisão, concertos comentados com o pianista Nuno Vieira de Almeida, outro privilégio, pelo país fora. Se estou disponível, gosto de colaborar com tudo o que se prenda com a intervenção na Educação e na Arte. É aí que respiro à vontade, me sinto mais útil ao meu país. Como quando dava aulas: sempre gostei de dar aulas, havia nas aulas um intercâmbio de ideias, nasciam projectos que outros levariam a cabo. Era o “ver crescer” um país de pequeninos, durante tantos anos asfiziado.

G 2017 – 77

«Quero escrever, e de novo recorro a fragmentos da memória, guardados como se fossem sonhos. Vou escrevendo, contando, pelo caminho. A escrita é uma aprendizagem, e aprender não tem fim.»

in YKC, *Do Longe e do Perto-Quase Diário*, Porto, Sextante, 2011, p. 9

Está escrevendo. Está sempre criando. E também escreveu histórias infantis. Como emerge canto-da-criação em YKC... Mulher de, também, artista, posto ser senhor seu marido engenheiro (civil) de profissão e músico de jazz: contrabaixista... Gosta de música! Gosta de partilhar seus momentos predilectos! Sente-se bem com a bênção de netas e netos, alguns dos quais já universitários estudando dentro e fora de Portugal. Qual o «canto» que ofereceria a senhor seu marido com quem partilha existência singular há...?

Tive a sorte de em casa, com o meu marido – engenheiro-músico –, e com os meus filhos e amigos, que vinham de todo o lado, poder ter vivido, durante anos, num ambiente de alegria, de riso (a par do estudo, é óbvio, pois sem trabalho não se vai a nenhum lado) e de noites que mesmo assim não me impediam de investigar e de escrever, de um modo que direi “atravessado”.

Ainda hoje vivo de modo atravessado: ora eu com os outros, ora os outros comigo.

«O eu individual é transitório, votado à decadência e ao desaparecimento, mas o Eu Universal manter-se-á sempre unido e perfeito»

in YKC, «Notas sobre a “Viagem ao Oriente”» in *5 Aproximações* António Ramos Rosa, Peter Weiss, alquimia, Hermann Hesse, Fernando Pessoa, Lisboa, Ática, 1975, p. 131

Estudei piano, ainda que mal e pouco, em Coimbra... Mas ficou-me o amor da música clássica. Gosto de ópera, os meus compositores de eleição, Mozart e Wagner.

Com Wagner é um amor-ódio: puxa de mim uma embirração especial, pelo seu egoísmo gigantesco, que se entrelê nos *Diários* de Cosima, ela a submissa, ele o centro do mundo... mas depois, esquecendo isso a matéria dos *librettos*, a fusão desejada de texto, mito e música...

De Mozart escolheria tudo: nasceu noutra esfera, desceu até nós, partiu cedo demais. Escrevi AS PALAVRAS QUE PENA a ouvir o seu Requiem... E não me canso de ouvir e tentar entender indo mais longe – a FLAUTA MÁGICA. De cada vez encontro algo de novo.

Mas voltando à pergunta: ao meu marido, jazz, de todos os tempos, e a bossa nova de Vinicius de Moraes, com Chico Buarque, que ele tantas vezes acompanhou ao contrabaixo, no Teatro Villaret... Ao poema *Pedro, meu Filho*, que Vinicius recitou uma vez, e eu na plateia ouvia, estando à espera do meu terceiro filho, se deve esse filho que nasceria em breve se chamar Pedro.

Quando o concerto acabou e o meu marido veio ter comigo, anunciei-lhe: diz ao Vinicius que o nosso filho se vai chamar Pedro. E assim foi. Também ele é músico, intérprete e compositor...

Que mais posso desejar: rodeada de poesia e música, nunca de outro modo poderia ter sido tão feliz!

Falar da alegria das netas e dos netos (são 12!) não caberá aqui. Fica para outra altura.

Y. K. Centeno

Lisboa, Fevereiro de 2017

Faces em «Faces de Eva» – e a minha não menos – devolvem-lhe sorriso:
Bem haja YKC

No caminho
que pisas
qual o rasto que deixas

de estrelas
ou de sangue

De quanta gente
levas contigo
as queixas

De quanta gente
O corpo

luminoso
ou exangue

O que procuro?
O teu nome.
Mas o teu nome secreto
aquele que não se encontra
nas letras do alfabeto

in *A Oriente*
YKC